

sinopse Massimo é um jornalista bem-conceituado que trabalha num dos mais importantes jornais de Itália. Um dia, após um trabalho particularmente difícil sobre a Guerra da Bósnia, começa a ter ataques de pânico. Simultaneamente, vê-se obrigado a tratar dos assuntos da venda da casa de família, onde viveu toda a infância. Ao encarar as memórias do passado, a situação de ansiedade piora. É então que, ao procurar ajuda profissional, conhece a Dr.ª Elisa, alguém que o vai ajudar a superar um trauma que teve origem numa perda irreparável: a morte da mãe quando tinha apenas nove anos de idade. **Versão cinematográfica da obra "Tem Bons Sonhos", do escritor italiano Massimo Gramellini, "Sonhos Cor-de-Rosa" vem assinado por Marco Bellocchio ("Em Nome do Pai", "Sedução Diabólica", "Bom Dia, Noite", "Vencer"). Valerio Mastandrea, Bérénice Bejo, Fabrizio Gifuni e Barbara Ronchi dão vida aos personagens.**

Título original: Fai bei sogni (Itália/França, 2016, 130 min)
Realização: Marco Bellocchio
Interpretação: Bérénice Bejo, Valerio Mastandrea, Fabrizio Gifuni
Argumento: Valia Santella, Edoardo Albinati, Marco Bellocchio
Produção: Beppe Caschetto, Simone Gattoni, Alexandra Henochsberg
Fotografia: Daniele Cipri
Montagem: Francesca Calvelli
Distribuição: Alambique
Estreia: 5 de Abril de 2017
Classificação: M/14



Um luminoso melodrama italiano

Inês Lourenço, DN

As convulsões familiares do cinema de Marco Bellocchio estão de volta num magnífico tributo ao amor materno. Se noutros filmes seus temos filhos que matam as mães - como *I pugni in tasca* (1965) e *Il sorriso di mia madre* (2002) - neste é a revolta de uma orfandade precoce que lança as bases para um profundo retrato humano.

Ao adaptar o romance autobiográfico do jornalista Massimo Gramellini, que foi um êxito em Itália, o cineasta veterano cultiva o território dramático com a sabedoria do detalhe, e os moldes do seu próprio cinema. Intercalando a infância, a adolescência e a idade adulta do protagonista, **Sonhos Cor-de-Rosa** faz um percurso comovente, de violência interior, que nos abarca na substância dos grandes melodramas, sem nunca cair nas armadilhas do sentimentalismo fácil. A pungente arte de Bellocchio não podia estar mais viva.

Bellocchio, drama e melodrama

João Lopes, *Cinemax*

Nem sempre nos recordamos dele, mas é um facto: Marco Bellocchio continua a ser um nome fundamental na paisagem do cinema italiano. Dele nos chega, agora, o magnífico "Sonhos Cor-de-Rosa", adaptado de um romance de Massimo Gramellini.

Quem são os grandes clássicos do cinema italiano? Quem são os autores que ajudaram a definir tanto a sua concisão social como a capacidade de lidar com os enigmas do comportamento humano?

Sabemos responder, sem dúvida: de Roberto Rossellini a Michelangelo Antonioni, do neo-realismo às convulsões das "novas vagas", o seu trabalho deixou marcas profundas dentro e fora de Itália... Mas porque é que, quase sempre, nos esquecemos de Marco Bellocchio?

Lembremos, para simplificar, que aos 77 anos (nasceu a 9 de Novembro de 1939, em Piacenza, na região da Emilia-Romagna) Bellocchio continua a ser um cineasta capaz de preservar uma tradição (melo)dramática que começa sempre no gosto por histórias capazes de expor as ambiguidades e contradições do factor humano.

Assim acontece em "Sonhos Cor-de-Rosa", estreado o ano passado, em Cannes, integrando a programação da Quinzena dos Realizadores. Tendo como ponto de partida o romance homónimo de Massimo Gramellini (editado entre nós, pela Bertrand, como "Tem Bons Sonhos"), Bellocchio encena a trajectória de um adulto que continua a viver de forma palpável — e, por assim dizer, realista — a perda da mãe, ocorrida quando tinha apenas nove anos...

Como sempre através de uma excelente direcção de actores (Valerio Mastandrea, Bérénice Bejo, Dario Dal Pero, etc.), Bellocchio desmonta esse conflito, latente ou expresso, entre a identidade social dos seus protagonistas e as razões (mesmo as menos racionais...) das suas pulsões mais fundas. Escolhido para inaugurar a Festa do Cinema Italiano, "Sonhos Cor-de-Rosa" é, de facto, um exemplo modelar de uma produção que sabe falar do presente sem menosprezar a riqueza do seu património narrativo.

Fantasmas italianos

Luís Miguel Oliveira, *Publico de 5 de Abril de 2017*

Sonhos Cor de Rosa não será o filme mais exuberante de Bellocchio mas atesta a bem a coerência da sua obra.

A relação da distribuição portuguesa com o cinema de Marco Bellocchio foi sempre lacunar, e já não há modo de remediar isso porque vários dos seus títulos mais importantes (*I Pugni in Tasca*, de 1965, *Salto nel Vuoto*, de 1979, enfim, vários outros) ficaram por estrear em Portugal. Com **Sonhos Cor de Rosa** saltamos dois desde o último por cá estreado (*Vencer*, de 2009), mas apesar das lacunas, e se juntarmos ainda *Bom Dia, Noite* (cá estreado em meados dos anos 2000), é um filme que complementa uma boa perspectiva do que tem sido o trabalho recente do cineasta italiano. A forma narrativa de **Sonhos de Cor de Rosa** é melodramática, porventura mais canonicamente melodramática do que Bellocchio alguma vez foi, tingida com tonalidade psicanalíticas que, se vão sempre bem com o melodrama, não são nada estranhas ao universo do realizador.

É a história de um miúdo, oriundo de uma família "normal" da classe média turinense nos anos 60, a quem a mãe morre súbita e inesperadamente. Dizem-lhe que foi um ataque cardíaco fulminante, mas o miúdo chega a adulto desconfiado de que nunca lhe disseram a verdade, que tudo não

passou da mentira piedosa que é normal contar-se às crianças em casos destes. **Sonhos Cor de Rosa**, resumidamente, é a história da obstinação do seu protagonista pela investigação pessoal das causas da morte da mãe, ou seria melhor dizer obsessão, vivida quase como bloqueio. Quase anti-climaticamente, porque a verdade estava mais ao alcance da mão do que a personagem supunha, a revelação aparecerá (e numa das melhores cenas do filme, uma cena numa piscina, muito breve e muito “psicanalítica”, a revelação será superada, como se o homem assistisse, em diferido e em ambiente controlado, à morte da mãe).

Especial é o modo como Bellocchio pinta esta história e a faz evoluir numa comunicação permanente com ecos da vida pública italiana das últimas décadas, desde o pós-guerra — os encontros com as figuras da finança e do mundo eclesiástico (os “cavaleiros da indústria”, a hierarquia religiosa, dois poderes capitais e nem por isso de imaculada clareza na sociedade italiana), as sombras trágicas colectivas como a representada pela memória do desastre de Superga que em 1949 matou toda a equipa de futebol do Torino. Mas mais especial ainda é a maneira como essas alusões e essas memórias colectivas são trazidas à textura do filme, recorrendo a uma arqueologia das imagens e dos sons populares (a televisão, a rádio, o cinema) que não apenas recriam uma época mas a enformam, e com ela enformam a personalidade do protagonista.

Os fantasmas da televisão (Belfagor) e do cinema (Nosferatu) passam do imaginário para a realidade, tornam-se a expressão palpável da dimensão sombria, inexplicada, invisível, da realidade — e aí tudo se liga, da mentira que obceca o protagonista aos muitos recantos obscuros, povoados por Belfagors e Nosferatus de carne e osso, da história recente italiana. Os “bei sogni”, os “sonhos cor de rosa”, do título, ressoam portanto de forma um tanto sarcástica, mas não deixam de ter uma manifestação em sentido próprio: são muito belas as cenas em que Bellocchio restitui a infância, feliz e doméstica, do protagonista, todo aquele arsenal criado pelos adereços e pela cultura popular de época a sugerirem eficazmente um tempo em que se respira uma inocência (e “inocência” porque inquestionável). **Sonhos Cor de Rosa** não será o filme mais exuberante de Bellocchio mas atesta muito a bem a coerência da sua obra; noção (“obra”) que é fundamental nele, cineasta tão mais notável quanto for tomado “cumulativamente”, com cada filme posto em articulação com os restantes em vez de ser visto como objecto disperso e isolado.

